

O pensador da consumação da metafísica¹

RESUMO

Caracterizando o pensamento nietzschiano como definidor da essência dos tempos modernos, o autor formula de maneira concisa a célebre tese de que nele se enuncia a consumação da metafísica. Nietzsche anuncia o final dos tempos metafísicos, ao definir seu conteúdo por meio da figura da vontade de poder.

ABSTRACT

Describing Nietzsche's thought as characterising the essence of modern times, the author expresses in a concise way the notorious thesis about the philosopher's condition as the voice-keeper of metaphysics consumption. Nietzsche proclaimed the end of the metaphysical times, by defining its contents through the image of the will to power.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Heidegger
- Nietzsche
- Modernidade (*Modernity*)

Martin Heidegger

(1889-1976)

QUEM NIETZSCHE É e, acima de tudo, quem ele será nós saberemos quando formos capazes de pensar a idéia a qual ele deu forma através de sua expressão *vontade de poder*. Nietzsche é esse pensador que trilhou o caminho do pensamento da vontade de poder. Jamais experimentaremos quem Nietzsche é através de um relato histórico sobre sua vida, nem através de uma apresentação do conteúdo de seus escritos. Também não devemos, nem deveríamos, esperar saber quem Nietzsche é, se temos em mente apenas a personalidade, a figura histórica e o sujeito psicológico com seus produtos.

Porém, a última coisa que Nietzsche deixou pronta para publicação não se intitula *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é? Ecce Homo* não fala como a sua última vontade? Que alguém se ocupe com ele, com este homem, e ouça dele aquelas coisas que ocupam as seções do livro intituladas “Por que eu sou tão sábio”, “Por que sou tão lúcido”, “Por que eu escrevo livros tão bons”, “Por que eu sou uma fatalidade”: não é isso a apoteose da auto-exposição desinibida e do auto-espelhamento ilimitado do pensador?

O procedimento mais comum e gratuito consiste em tomar essa autopromoção de sua natureza e vontade como sinal da irrupção de sua loucura. No entanto, em *Ecce Homo* não se trata nem da historiografia de Nietzsche, nem da pessoa do “Senhor Nietzsche”. Na verdade, trata-se do “destino”: não do destino de um indivíduo, mas da história da era formada pelos tempos modernos, da história do fim do Ocidente.

Contudo, também pertence a esse destino suportar a fatalidade a ele destinada de ver que (ao menos até agora) tudo o que Nietzsche queria atingir com seus escritos foi convertido em seus opostos. Contra sua

vontade mais profunda, Nietzsche, juntamente com outros, tornou-se o estimulador e o perpetrador da auto-análise e da *mise-en-scène* mais altamente psicológicas, corporais e espirituais do homem. Em última instância, esse último, de maneira indireta, pensa que decorre dele a publicação de toda a atividade humana sob a forma de “imagem e som”, através de reportagens e fotografias, muito além de qualquer medida: um fenômeno de dimensões globais que, em essência, [todavia] independe da vontade dos indivíduos ou do tipo de nações, Estados ou culturas envolvidas, pois revela os mesmos traços na América e na Rússia, no Japão e na Itália, na Inglaterra e na Alemanha.

Nietzsche transformou a si mesmo em uma figura ambígua e, dentro de seu mundo e o do tempo presente, ele tinha de fazê-lo. O que precisamos fazer é entender a singularidade e o impulso para frente, o que é decisivo e último, por detrás dessa ambigüidade. A precondição para tanto é, porém, que enxerguemos para além do homem mas, também, da obra, na medida em que essa seja vista como a expressão de sua humanidade (isto é, à luz do homem). Afinal de contas, a obra como obra se feche para nós tão logo nós a vislumbremos como algo que sobreviveu à “vida” do homem que a criou, sempre que deixamos de perguntar sobre o ser e o mundo na qual ela se enraiza. Nem a pessoa, nem mesmo a obra de Nietzsche nos preocupam na medida em que podem se tornar objeto de um relatório psicológico ou historiográfico.

Preocupamo-nos exclusivamente com o traço que aquele caminho do pensamento em direção à vontade de poder faz dentro da história do ser – o que significa caminhar em direção às regiões ainda não percorridas das decisões futuras.

Nietzsche conta-se entre os pensadores essenciais e com o termo pensadores nós designamos aqueles seres humanos excepcionais destinados a pensar um único pensamento, um pensamento que é sempre “sobre” *os seres em sua totalidade*. Cada pen-

sador pensa apenas um *único* pensamento, um pensamento que não precisa de fama, nem de impacto para adquirir preponderância. Contrastando com isso, os escritores e pesquisadores, enquanto o oposto do pensador, “possuem” muitos e muitos pensamentos; isto é, idéias que podem ser convertidas na supervalorizada “realidade” e que também são avaliadas de acordo com sua capacidade de conversão nessa “realidade”.

Entretanto, de maneira inesperada e despercebida em seu silêncio silencioso, todos os seres giram em torno do único pensamento de um pensador. Os pensadores são os fundadores de o que nunca se torna visível em imagens, de o que nunca pode ser historicamente narrado ou tecnicamente calculado, ainda que impere sem recorrer à força. Os pensadores são sempre unilaterais, isto é, comprometidos com o único lado conferido a eles, através de um provérbio, no próprio começo da história do pensar. Tal provérbio promana de um dos mais antigos pensadores do Ocidente, Píndaro de Corinto, em quem se reconhece um dos “sete sábios” [do mundo antigo]. Reza o provérbio que “Meleta to pan”: “Cuide dos seres como um todo”.

Entre os pensadores, essenciais são apenas aqueles cujo pensamento pensa na direção das decisões supremas e simples, quer preparando essa decisão, quer intervindo decisivamente para fazê-la acontecer. A palavra *decisão*, muito abusada e quase exaurida, é alvo de preferência especial hoje em dia, agora que tudo já foi decidido ou, pelo menos, supõe-se pensado. Entretanto, inclusive o quase inacreditável mal-entendimento da palavra *decisão* não pode proibir-nos de conferir à palavra aquele sentido pelo qual ela se relaciona com a cisão mais íntima e com a distinção mais extrema. Isto é, com a distinção entre os seres como um todo – incluindo os deuses e os homens, o mundo e a terra – e o ser, cujo domínio permite ou denega a que cada um dos seres, qualquer que seja, seja o ser que ele pode ser.

A decisão mais elevada que pode ser feita e que se torna o fundamento de toda a história é aquela entre a predominância dos seres e o império do ser. Quaisquer e onde quer que os seres como um todo sejam pensados expressamente, o pensamento se circunscreve à zona obscura e perigosa dessa distinção. A decisão, no princípio, jamais é tomada e executada por um ser humano. Inversamente, sua direção e permanência decidem *sobre* o homem e, de uma maneira distinta, sobre os deuses.

Nietzsche é um pensador essencial porque ele pensa à frente em um sentido decisivo, sem fugir da decisão. Ele prepara sua chegada, sem, contudo, mensurá-la e dominá-la em sua encoberta extensão.

Porque este é outro fator que distingue um pensador: é apenas por meio de seu conhecimento que ele sabe a extensão em que ele não pode conhecer as coisas essenciais. No entanto, esse saber sobre o desconhecido como desconhecido não deve ser confundido com o que é chamado cientificamente de limite de cognição e reconhecido como sendo os limites do conhecimento factual. Este último leva em conta o fato de que a faculdade de conceitualização humana é finita.

O conhecimento factual ordinário pára onde ele não sabe o que ainda é factualmente conhecível; o conhecer essencial do pensador, [ao invés] começa conhecendo algo desconhecível. O cientista investiga a fim de obter respostas úteis; o pensador investiga a fim de fundar o questionamento dos seres como um todo. O pesquisador sempre opera com base nas fundações de o que já foi decidido: o fato de que existe alguma coisa como a natureza, a história, a arte, e o de que tais coisas podem se tornar objeto de consideração. Para o pensador, não existe tal coisa: ele permanece dentro da decisão relativa ao que é em geral, ao que *são* as coisas [em sua totalidade].

Nietzsche permanece na esfera da decisão, como o fizeram todos os pensadores ocidentais antes dele. Com eles e sem saber

o que está envolvido em tal afirmação, ele afirma o domínio dos seres contra o ser. Entretanto, Nietzsche é, ao mesmo tempo, aquele pensador ocidental que trouxe à luz, de maneira incondicional e última, esse domínio do ser e, assim, confrontou-se com a extrema insistência da decisão. Isso fica evidente no fato de Nietzsche, através da fixação de seu pensamento na vontade de poder, ter antecipado a consumação da era moderna.

Nietzsche representa a transição da fase preparatória da época moderna – historicamente, a época entre 1600 e 1900, para o começo de sua consumação. Desconhecemos o tempo que falta para essa consumação. Presumivelmente, ele será ao mesmo tempo muito breve e catastrófico, ou muito longo, no sentido de um arranjo autoperpetuador de o que foi atingido. Inexistem meias medidas no presente estágio da história de nosso planeta. No entanto, isso é algo verdadeiro para qualquer época histórica em sua forma enfática e específica, dado que a história é, em essência, fundada em uma decisão sobre os seres que ela, em si mesma, não pode nem jamais poderá tomar por conta própria. As diversas épocas derivam sua verdadeira definição histórica desse acontecimento.

A posição ocidental anterior, dentro e em relação à qual a decisão entre o domínio dos seres e o império do ser, isto é, a afirmação daquela predominância, desdobrou-se e se desenvolveu através de um pensamento que pode ser designado pelo nome de *metafísica*. Neste nome, *física* significa o “físico” no sentido grego original de *ta physei inta*, “seres que subsistem e se apresentam por si mesmos”; *meta* significa “sobre e além de, distante”: neste caso, sobre e além dos seres.

Para onde? Para o Ser. Metafisicamente pensado, o ser é o que é pensado *dos* seres como sendo a sua definição mais universal e *para* os seres como sua causa e fundamento. A idéia cristã da causalidade de todos os seres através de uma causa primeira é metafísica: antecipada pela metafísica

sica grega, o é em especial a versão da história da criação contada pelo Novo Testamento. A idéia iluminista de um governo de todos os seres por uma razão cósmica é metafísica: os seres são vistos [então] como o que pede uma explicação. A cada vez, os seres tomam precedência como o padrão, a meta e a realização do ser. Ainda quando o ser é pensado no sentido de um “ideal” para os seres, como o *que* e o *como* todo o ser deve ser, o ser individual está na verdade subordinado ao ser. Como um todo, o *ideal* está a serviço do ser, da mesma forma que todo o poder depende sobretudo de o que ele sobrepuja. Todavia também pertence à essência de todo poder genuíno que ele passe por alto e tenha de passar por alto essa dependência, de modo que ele nunca a reconheça.

A metafísica pensa os seres como um todo de acordo com sua prioridade sobre o ser. A totalidade do pensamento ocidental, dos gregos até Nietzsche, é pensamento metafísico. Cada época da história ocidental está fundada em sua respectiva metafísica. Nietzsche antecipa a consumação da metafísica. O caminho do pensar que o leva à vontade de poder antecipa a metafísica que sustenta a época moderna como aquilo que se completa em *sua* consumação. Aqui, “consumação” não significa uma adição final de uma parte ainda faltante, nem o preenchimento final de um hiato até então negligenciado. Consumação significa o desenvolvimento sem travas de todos os poderes essenciais dos seres, poderes que têm sido acumulados por muito tempo e para o que agora eles reivindicam em sua totalidade. A consumação metafísica de uma época não é o mero definhamento de o que já era familiar, mas a completa e incondicional instalação, pela primeira vez e em estágio avançado, de o que é inesperado e jamais se esperaria. Comparado com o que temos visto até agora, a consumação é nova e, portanto, algo que nunca fora visto e entendido por aqueles que só sabem calcular retrospectivamente.

O pensamento nietzscheano da vontade

de poder pensa o ser como um todo sob uma forma que, ao mesmo tempo, torna visível e determina o fundamento metafísico da história das épocas presente e futura. O domínio impositivo de uma filosofia não pode ser medido nem pelo que se torna familiar através de rumores, nem pelo número de seus “seguidores” e “membros” ou, ainda menos, pela “literatura” ela enseja. Mesmo quando Nietzsche não for mais conhecido pelo nome, o que seu pensamento tinha de pensar será imperativo. Cada pensador que pensa à frente da decisão é movido e consumido pelo cuidado para com a necessidade que ainda não pode ser sentida e experimentada durante sua vida, uma necessidade ainda invisível diante de sua influência irrelevante e, no entanto, historicamente determinável.

Pensando a vontade de poder, Nietzsche antecipa o fundamento metafísico da consumação da época moderna. Nesse pensar, o pensamento metafísico se completa ele mesmo por adiantado. Nietzsche, o pensador do pensamento da vontade de poder, é *o último metafísico* do Ocidente. A época cuja consumação se desdobra em seu pensamento, a época moderna, é uma época final. Significa que ela é uma época na qual em algum ponto e de algum modo a decisão histórica se erguerá para decidir se essa época derradeira é a conclusão da história ocidental ou se é a contrapartida de um novo começo. Percorrer toda a extensão do caminho trilhado pelo pensamento nietzscheano em direção à vontade de poder significa lançar um olhar sobre essa decisão histórica.

Quando não se é forçado a se confrontar pensativamente com Nietzsche, um acompanhamento reflexivo do caminho do seu pensamento só pode ter como meta consciente chegar perto de o que está “acontecendo” na história da época moderna. O que está ocorrendo significa o que firmemente compele a história, o que dá força aos eventuais acontecimentos e, de antemão, impulsiona as resoluções, enfim, *o que ocorre* com os seres enquanto são re-

presentados como objetos e estados de coisas. Jamais experimentamos o que está ocorrendo determinando o que “está acontecendo” através da pesquisa histórica. Como essa expressão nos diz muito bem, o que está “acontecendo” passa por nós por diante e por detrás da cena pública dos eventos e da variedade de opiniões. O que ocorre jamais pode ser determinável historicamente. Só pode ser engenhosamente conhecido ao se apanhar o que a metafísica que predetermina uma época levou ao plano da palavra e do pensamento. O que algum outro poderia chamar de “filosofia” nietzscheana e, eruditamente, comparar com as filosofias anteriores é matéria para a qual devemos ter total indiferença. O que é inevitável é o que não pode deixar de falar em seu pensamento sobre a vontade de poder, enquanto fundamento histórico de o que está acontecendo no contexto da época moderna da história ocidental.

A circunstância de incorporarmos a “filosofia” de Nietzsche em nosso legado cultural ou de a deixarmos de lado será sempre de nenhuma significação. Será fatal, porém, se nós, deixando de lado um questionamento genuíno, simplesmente “ocuparmos” a nós mesmos com Nietzsche e tomarmos essa “ocupação” por uma discussão conscienciosa do pensamento único que foi o de Nietzsche.

A rejeição unívoca de toda a filosofia é uma atitude que sempre merece respeito, na medida em que contém muito mais filosofia do que ela se dá conta. Qualquer que seja o jogo filosófico com o propósito de recuperar as forças morais ou o de entretenimento intelectual, o simples brincar com os pensamentos filosóficos, que desde o princípio os mantêm na periferia, devido a vários tipos de reserva, é algo desprezível: algo que desconhece o que está em jogo na trilha do pensamento seguida por um pensador .

Referência

- 1 In *Nietzsche* (Pfullingen: Neske, 1961, volume I). Traduzido por Francisco Rüdiger a partir da versão inglesa de David Farrell, Joan Stambaugh e Frank Capuzzi (Nova York: Harper Collins, Volume III, 1987, pp. 3-9).